

# A atividade criadora e suas manifestações: contribuições de Vigotski ao trabalho pedagógico

Vigotski, L. S. (2009). *Imaginação e criação na infância*. (Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka; trad. Zoia Prestes). São Paulo, Brasil: Ática.

Paula Cristiane Strina Juliasz<sup>1</sup>

A obra *Imaginação e criação na infância*, escrita pelo estudioso russo Lev S. Vigotski, publicada em 1930, discute a atividade criadora humana e sua estreita relação com o processo de imaginação, com base no papel que o trabalho pedagógico desempenha no desenvolvimento infantil.

Antes de apresentar seu conteúdo, é importante comentar as especificidades dessa edição brasileira, pois consiste em uma primeira edição traduzida do livro original escrito em russo para o português por Zoia Prestes, estudiosa da língua russa e também da teoria histórico-cultural. Além dessa atenção em relação a tradução, a edição inclui comentários da professora, doutora da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (UNICAMP), Ana Luiza Smolka, que procura relacionar com outras obras e esclarecer trechos de suma importância para a contextualização das reflexões de Vigotski.

Este livro torna-se uma leitura interessante para professores e educadores, além de pessoas que buscam conhecer mais os pensamentos deste importante escritor russo, frequentemente citado em currículos e propostas pedagógicas. Escrito com base em palestras proferidas para educadores e pais, tem como foco discutir a relação intrínseca entre criação e imaginação. Para isso, está organizado em oito capítulos: nos três primeiros discorre sobre os conceitos de criação e imaginação, assim como os mecanismos da imaginação criativa; nos dois seguintes centra-se na discussão do desenvolvimento criativo na infância e na adolescência e nos últimos três reflete sobre a produção literária, dramática e gráfica.

O primeiro capítulo, “Criação e imaginação”, é iniciado com a frase “chamamos atividade criadora do homem aquela em que se cria algo novo” (Vigotski, 2009, p.11), o que reflete e orienta o leitor em relação ao suporte teórico no materialismo histórico-dialético de Karl Marx, pois distancia-se da visão naturalista e estritamente cognitivista e centra-se no papel da atividade enquanto possibilidade para a criação e transformação.

Neste capítulo, o autor apresenta dois tipos de atividades criadoras: reconstituído ou reprodutivo e criador ou combinatório. O primeiro relaciona-se à memória: sua essência consiste em reproduzir ou repetir meios de conduta anteriormente criados e elaborados ou retomar marcas de impressões precedentes. O segundo tipo consiste na reelaboração de forma criadora: não restaura a marca das excitações anteriores, este processo, como afirma o autor, não existe apenas nas grandes obras, mas encontra-se em toda manifestação humana, quando se imagina, combina, modifica e cria algo novo. A imaginação está presente em toda atividade criadora e manifesta-se em todos os campos da vida cultural, portanto nas criações artísticas, científicas e técnicas.

Ao longo do segundo capítulo, “Imaginação e realidade”, o autor continua a discussão teórica a fim de responder a pergunta: como ocorre a atividade criadora combinatória? Afirmando que existem quatro formas principais de relação entre a fantasia e a realidade e que a imaginação se apoia na experiência, em um sentido dialético. A primeira forma está relacionada à experiência, de tal modo que quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material disponível para a imaginação ela terá. A segunda apresenta a relação entre o produto final da fantasia e a experiência alheia, por exemplo, a compreensão de um momento histórico, como a Revolução Francesa, que não foi vivenciado diretamente. A terceira forma está relacionada aos fatores emocionais e, neste ponto, o autor aborda o quanto a emoção agrega imagem, combinada e determinada pelo ânimo, além de existir signos emocionais coletivos, como cores que nos remetem a certos sentimentos em uma determinada cultura. A quarta forma de construção da imaginação, encontrada principalmente nas obras de arte, está relacionada aquilo que é totalmente novo e está distante da experiência. Este capítulo auxilia o educador a compreender quais mecanismos utilizados em seus planejamentos e como os alunos desenvolvem sua imaginação nas atividades.

No terceiro capítulo “O mecanismo da imaginação criativa”, o autor faz analogia entre criação e parto, pois acredita que a imaginação é resultado de um longo período de gestação e desenvolvimento do feto, à medida que o indivíduo relaciona percepções internas e externas, acumulando um material, reelaborado por meio de um processo complexo de dissociação e associação.

<sup>1</sup> Doutoranda na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP.

A criação consiste em realçar traços importantes de experiências e rejeitar outros, base do pensamento abstrato e da formação de conceito, o que se ocupa a escola e o conhecimento científico. O processo subsequente é o de associar os elementos dissociados e modificados que também consiste na base para a construção de conceitos científicos, como os geográficos, à medida que a combinação de imagens individuais consiste na construção de um quadro complexo em um sistema de conceitos.

É neste mesmo capítulo que Vigotski, que vivenciou as mudanças provocadas pela Revolução Russa, aponta a importância do meio circundante, afirmando que se a vida não coloca desafios e se o indivíduo está em conformidade e equilíbrio com o mundo, não haverá qualquer base para a criação. Isto porque a necessidade, anseios e desejos colocam movimento à imaginação e ao processo de criação, consistindo em condições para o desequilíbrio que desafia, ou seja, a base da criação está na inadaptação do homem.

No quarto capítulo, “A imaginação da criança e do adolescente”, o autor reafirma e amplia a relação entre amadurecimento e experiência com o processo criador e isto pode ser percebido quando diferencia o papel da imaginação na infância e na vida adulta, alegando que as experiências e interesses das crianças são pobres em relação ao adulto. Assim, o autor traz como enfoque o período que trata como “idade de transição” a adolescência, caracterizada pelo amadurecimento sexual e pela união da potente ascensão da imaginação e os primeiros amadurecimentos da fantasia. O autor também trata este período como a idade da transgressão do equilíbrio do organismo infantil e do equilíbrio ainda não encontrado do organismo maduro, relacionando ao que é afirmado no capítulo anterior, ao tratar a importância da inadaptação para o desenvolvimento.

No quinto capítulo, “Os suplícios da criação”, o autor apresenta, a partir de pensamentos de Dostoiévski, a complexidade da criação, o quanto é difícil criar, pois a necessidade nem sempre coincide com as possibilidades de criação e traz, com base em Ribot, a imaginação como verdadeira base e início motriz desta atividade humana.

A partir do sexto capítulo, “A criação literária na idade escolar”, o autor discute a atividade criadora em situações desenvolvidas frequentemente na escola, iniciando pela literária. Vigotski assinala que o desenho deixa de ser a principal forma de expressão com o passar dos anos. A criação verbal e literária passa a predominar no período de amadurecimento sexual na adolescência, quando a palavra permite transmitir relações complexas, principalmente as de caráter interno. Além disso, indica que a correspondência entre o desenvolvimento oral e da escrita não existe, pois estas formas de expressão apresentam dificuldades distintas. Neste capítulo, com base nas experiências de Tolstói com crianças camponesas, esclarece o papel do educador na criação da necessidade do ato de escrever para a criança, pois muitas vezes a escrita pode ser pobre uma vez que a criança não tem sobre o que escrever.

O sétimo capítulo, “A criação teatral na idade escolar”, discute a aproximação da criança à forma dramática de expressão, principalmente por estar vinculada às brincadeiras na infância. O autor aponta a importância da criança participar em todo o processo desde o figurino, composição do texto até o cenário, pois o teatro, nos moldes dos adultos, não é conveniente para as crianças devido às próprias condições da imaginação e criação infantil e sua diferença com a dos adultos. A criação dramática deve satisfazer na preparação e no processo de interpretação e não apenas no resultado final.

No último capítulo, “O desenhar na infância”, Vigotski discute o desenvolvimento do desenho infantil com base em diversos autores tais como Luquet e Barnes, principalmente para discutir o desinteresse do desenho na idade dos 10 aos 15 anos e, também, discute os estágios formulados por Kerschensteiner. A partir desse autor, relaciona tantos outros estudos como os de Ricci e Bülher, para discorrer sobre o primeiro estágio, caracterizado pela representação esquemática do objeto, na qual o corpo humano é representado por cabeça-pernas. O autor afirma que ao desenhar, a criança transmite no desenho o que sabe sobre o objeto e não o que vê, por isso podemos observar que as crianças realizam narrativas sobre suas produções gráficas. No segundo estágio, passa a ocorrer a combinação entre a representação formal e esquemática, resultando na aparição de mais detalhes. No terceiro estágio, a representação é verossímil ao objeto; Kerschensteiner afirma que poucas crianças vão além deste estágio pois requer maiores repertórios e estudos. No quarto estágio, os desenhos apresentam movimento por meio de perspectiva, o que denota o quanto a visão tem um papel crescente na representação gráfica. O autor apresenta uma série de desenho de vagões de bonde com o objetivo de mostrar a evolução do desenho e afirma mais uma vez a importância e influência do ambiente e das condições das crianças para desenhar.

Além disso, neste capítulo, o autor reafirma a importância da atividade criadora não apenas no campo da arte, mas sua aplicação na ciência e no surgimento da técnica, pois ela é a base para transformação e comportamento para o futuro. Ao final, é possível conhecer um pouco mais sobre a vida e obra do autor por meio de uma breve biografia e de uma lista de livros composta por traduções das obras de Vigotski e produções de outros pesquisadores que discutem a teoria e a história do estudioso russo.

É importante saber que a obra de Vigotski tem seu suporte teórico no materialismo histórico-dialético de Marx, o que norteia nossa leitura para identificar os principais aspectos discutidos sobre a relação da imaginação e realidade com a inadaptação do homem. Portanto, a atividade criadora como atividade humana é realizada a partir da combinação entre imaginação e experiência, considerando a necessidade e a condição de seu desenvolvimento. Em relação à educação e à escola, podemos refletir sobre o papel do educador e sua intervenção na ampliação da experiência infantil, considerando o desenvolvimento individual no qual perpassa também a construção histórica.